

O trabalho feminino na indústria têxtil em Porto Alegre: 1900/1920

The female work in Porto Alegre's textile industry: 1900/1920

Carla Simone Corrêa Marcon
Naira Vasconcellos

Resumo

*Este artigo apresenta conclusões da pesquisa intitulada **Mulheres na Fábrica: Trabalho Feminino e Industrialização em Porto Alegre: 1900/1920**, realizada no período 1998/99 e financiada pela Universidade Luterana do Brasil. O objetivo do trabalho consistiu em investigar a presença das mulheres e suas condições de trabalho nas fábricas porto-alegrenses, durante as duas primeiras décadas do século XX. Analisamos no presente artigo dados referentes à indústria têxtil no período acima citado.*

Palavras-chave: Trabalho feminino, industrialização gaúcha, indústria têxtil em Porto Alegre.

Abstract

*This paper presents conclusions resulting from the research entitled **Women's Labor Force and Industrialization in Porto Alegre: 1900/1920** sponsored by the Lutheran University of Brazil (ULBRA), in 1998/99. The study focuses on the women's labor force, as well as on the working conditions imposed to them in Porto-Alegrense factories during the first decades of the 20th century. We analyse in this paper the data referring to the textile industries in Porto Alegre from 1900/1920.*

Key words: Women's labor force, industrialization in Rio Grande do Sul, textile industries in Porto Alegre.

Nas últimas décadas, o tema operários foi, com frequência, objeto de pesquisa de historiadores no Rio Grande do Sul e também no restante do país. Revendo a produção historiográfica dos anos 80 e 90, encontramos um número significativo de publicações e também de dissertações e teses de programas de pós-graduação, que se preocuparam em estudar as con-

dições de vida e trabalho dos operários, bem como suas formas de organização através dos sindicatos, dos movimentos reivindicatórios e da imprensa operária.

Apesar da relevante produção acadêmica sobre o tema, temos poucas informações sobre a participação das mulheres no processo de expansão industrial porto-alegrense.

Carla Simone Corrêa Marcon é acadêmica do 8º semestre do Curso de História Licenciatura Plena e Bolsista de Iniciação Científica da Universidade Luterana do Brasil. Naira Vasconcellos é mestre em Estudos Latino-Americanos na Universidade de Vanderbilt/USA e professora do Departamento de História da ULBRA.

Nossa pesquisa se propôs a realizar um recorte na história operária, buscando estudar especificamente o trabalho feminino, nas duas primeiras décadas do século XX.

- Era significativo o número de mulheres que deixavam a casa para trabalhar nas fábricas, neste período?

- Em que setores da indústria trabalhavam?

- Quais eram suas condições de trabalho dentro das fábricas?

- Manifestavam publicamente algum tipo de descontentamento em relação a tais condições de trabalho?

Para responder estas perguntas consultamos além da historiografia existente, um número variado de fontes, que compreenderam relatórios, estatutos e contratos de empresas, revistas, almanaques, relatórios dos Intendentes de Porto Alegre ao Conselho Municipal (1900 – 1916) e jornais operários. Consultamos “A Luta” (1906-1918) e “A Democracia” (1905-1907), por estarem estes acessíveis à pesquisa - respectivamente, no Núcleo de Pesquisa Histórica do IFCH/UFRGS e no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa - e também por apresentarem maior continuidade de publicação durante o período a ser estudado.

Nossa pesquisa voltou-se às duas primeiras décadas do século, por ser este o período em que a atividade industrial se consolidou em nosso Estado. Apesar do Rio Grande do Sul experimentar impulsos iniciais de industrialização na segunda metade do século XIX, foi no período 1900/1920 que a indústria gaúcha se expandiu de forma significativa. Entre 1900 e 1904, praticamente dobrou o número de fábricas. Dois terços dos estabelecimentos industriais existentes no Estado em 1919 foram fundados entre 1910 e 1919. Neste mesmo período a taxa de crescimento do número de estabelecimentos foi de 201%. (Herrlein Jr.; Dias, 1996, p. 145).

A expansão do sistema fabril no Rio Grande do Sul, assim como no restante do país, não esteve condicionada a transformações na economia agrícola, que criassem um excedente de mão-de-obra a ser recrutado pelas fábricas. Nas duas primeiras décadas deste século, a indústria gaúcha passou a exigir do mercado de trabalho ainda em processo de constituição um número cada vez maior de trabalhadores.

É neste contexto de relativa escassez de mão-de-obra que as mulheres e as crianças ingressaram nas fábricas da capital do Estado. O *Catálogo da Exposição Estadual de 1901* (pp.162-163) faz o seguinte registro, em relação à indústria têxtil:

Companhia Fiação e Tecidos Porto Alegrense, fundada em 6 de agosto de 1891 cerca de 300 operários, homens, mulheres e crianças, estas maiores de 12 anos, encontram trabalho na oficinas da companhia, quando estas funcionam com toda atividade.

Companhia Fabril Porto Alegrense, fundada em 1891- Capital 300 contos de réis. Fabricação de meias e congêneres, como camisetas e meias. Fabrica-se 70 qualidades de meias e camisetas das mais grossas para trabalhadores, até bem finas, estas em cores e padrões variados. Trabalhando com regularidade, a fábrica ocupa 160 pessoas, entre elas homens, mulheres, moças e crianças. A produção mensal é de cerca de quatro mil dúzias de meias e camisetas.

A fabricação é dividida em as seguintes seções: fusaria, meiaría, cartonagem, cosedura, repassagem, tinturaria, apresto.

Companhia União Fabril, sucessora da Sociedade Comandatória Rheingantz e C., fundada em 1873. A companhia dá trabalho nas suas oficinas a cerca de 900 operários entre homens, mulheres e crianças.

Dados mais esclarecedores sobre a mão-de-obra feminina são apresentados no relatório do Diretor Interno da Secretaria do Estado dos Negócios do Interior e Exterior, Nathaniel Cunha¹. Este registra, em 1916, as principais fábricas de tecidos do Rio Grande do Sul, destacando em Porto Alegre a Companhia Fiação e Tecidos Porto-Alegrense, que possuía 300 operários, sendo 160 homens e 140 mulheres e a Companhia Fabril com média de 200 operários, sendo 140 homens e 60 mulheres. A Fábrica de Tecidos e Fiação Oscar Schaitz e Cia contava com 100 operários de

¹ O Relatório Apresentado ao Ex. Sr. Dr. Protásio Alves, pela Secretaria do Estado dos Negócios do Interior e Exterior – Pelo Diretor Interno Nathaniel Cunha – 31 de julho de 1916, está disponível na Biblioteca Pública Do Rio Grande do Sul.

ambos os sexos. Para a Fábrica de Meias de A. J. Renner e Cia, o relatório apontava 40 operários, sem discriminação de sexo.

É importante notar que, apesar de signifi-

cativa, a mão-de-obra feminina sofria discriminação em relação a salários. No relatório, citado anteriormente, encontramos os seguintes dados:

FÁBRICA	HOMENS	MULHERES
Companhia Fiação e Tecidos Porto-Alegrense	7\$000	4\$000
Companhia Fabril	7\$000	4\$000
Fabrica de Tecidos e Fiação – Oscar Schaitz e Cia	4\$000	2\$500
Fábrica de Meias A. J Renner e Cia	4\$000	2\$000

FONTE: Relatório Apresentado ao Ex. Sr. Dr. Protásio Alves, pela Secretaria do Estado dos Negócios do Interior e Exterior – Pelo Diretor Interno Nathaniel Cunha – 31 de julho de 1916.

A Companhia Fabril era freqüentemente denunciada no jornal "A Luta", em razão de precárias condições de trabalho na fábrica, e também por remunerar as mulheres com salários inferiores.

Hoje vamos trazer para aqui algumas notas do que se passa na companhia fabril (Fábrica de Meias).

Nessa fábrica 3 quartas partes do pessoal é feminino, havendo cerca de 25 crianças de 7 a 10 anos de idade.

As mulheres e as crianças, como é de praxe, ganham uma diária mesquinha.

As repassadeiras (que se encarregam de revistar as meias) às vezes não chegam a ganhar 3\$000 semanalmente, isso por não haver serviço, mas são obrigadas a ir todos os dias à fábrica.

"Desse reduzidíssimo salário são-lhes ainda descontados multas infligidas pelos mandões da oficina (A Luta, 15 de dezembro de 1906, p.2)."

A Companhia Fiação e Tecidos Porto-Alegrense também era criticada pelo "A Luta":

Chegamos a saber, por exemplo, que uma operária que se ocupe em limpar palas de casimira, ganha 600 réis por cada lote de 25, e só com excessivo esforço consegue ganhar a migalha de 1\$800 diários. As que se encarregam de limpar fazenda, traba-

lho terrivelmente fatigante, ganham 300 réis por peça, que tem em média 20 metros. Suamos, diz-nos uma operária, para limpar 7 ou 8 peças e ganhar 2\$100 ou 2\$400 por dia.

Chegamos a saber também que os diretores aceitam ali moças para aprender a trabalhar e que depois de um mês de aprendizagem sem ganhar um vintém, dizem-lhes que não há serviço e quando houver as mandarão chamar. E em seguida entram outras para o lugar daquelas, continuando a aprendizagem grátis e assim sucessivamente.

A medida que foi dada pelo jornal aludido como sendo o ordenado das mulheres, é realmente a média dos salários dos homens que ali trabalham. O das mulheres, varia entre 1\$000 e 2\$500 apenas. Quanto as crianças ganham uma bagatela e algumas há que, a pretexto de serem aprendizes, trabalham grátis nas emendações de fios (A Luta, 1º. de dezembro de 1906).

Remuneradas com mais baixos salários, as operárias eram vítimas das precárias condições de trabalho, do assédio dos contramestres e da carga horária excessiva dentro das fábricas. Encontramos, nos jornais operários, queixas sobre tais condições:

Todos conhecem a deplorável situação de centenas de moças operárias que, impelidas pela necessidade, são obrigadas a trabalhar em fábricas de tecidos, meias, gravatas, roupas, etc., onde, em troca de um trabalho penoso, fatigante, de 9, 10 e

11 horas, recebem um salário entre 2\$000 e 500 réis. Além da miserável exploração de que são vítima essas jovens filhas de proletários, estão sujeitas, nas fábricas e oficinas, às grosserias dos contramestres ENGROSSADORES e patrões de MÁ catadura, tão em contradição com a delicadeza e a sensibilidade feminina.

E não queremos falar das pobres operárias que, vítimas da cupidez de algum filho de patrão, são atiradas à porta de prostíbulos.

Tudo isso e mais sabem todos os operários que são obrigados a passar 10 ou 11 horas encerrados nas escuras e anti-higiênicas oficinas de Porto Alegre e, por experiência própria, conhecem as multas, as descomposturas dos chefes, as grosserias de contramestres bajuladores e estúpidos, e muitos outros fatos que rebaixam tristemente a dignidade operária (*A Luta*, 20 de janeiro de 1911, p.1).

Além de sofrer assédio dos superiores, as operárias eram submetidas a ambientes de trabalho insalubres. A falta de espaço, a pouca luminosidade comprometiam sua saúde e, com frequência, causavam acidentes:

Devido à economia de espaço que fazem nas oficinas, as máquinas ficam muito próximas umas das outras, o que deu causa à operária Maria Cândida ficar com os cabelos presos nas engrenagens da máquina em que trabalhava e teria morrido se não fosse acudida a tempo por alguns operários. Foi ainda acusada pelos mestres de relaxada (*A Luta*, 26 de outubro de 1907).

Denúncias como estas eram constantes nos jornais operários, que buscavam alertar as trabalhadoras sobre as formas de exploração capitalista dentro das fábricas e oficinas. Neste sentido, os redatores do "A Luta" entendiam seu jornal como importante instrumento de conscientização da classe trabalhadora, organizando campanhas no meio operário, para angariar fundos que possibilitassem a edição do mesmo. As operárias respondiam ao chamado do "A Luta", colaborando com pequenas quantias em dinheiro. Na relação das pessoas que contribuíram para a publicação do

número comemorativo ao 1º de maio do ano de 1909, encontramos nomes e pseudônimos² femininos:

OPERÁRIAS	CONTRIBUIÇÃO
Fifi	200
Dulsimar	300
Zenaide	100
Isabel	200
Mana	2\$000
Mariana Ortiz	2\$000
Maria Idalina Castro	1\$000
Panchita	500
Lola Ramirez	500
Uma Libertária	100

FONTE: "A Luta", 1 de junho de 1909, p. 3.

Os dados acima revelam que as mulheres trabalhadoras reconheciam a importância dos jornais operários como meio de denunciar e combater a exploração dentro das fábricas. Não encontramos nestes jornais artigos escritos por operárias. Os textos que tratavam do trabalho feminino eram, em sua maioria, assinados por escritoras que defendiam a libertação da mulher e a igualdade de condições entre os sexos.

Em uma sequência de três artigos intitulados "Mulher", Maria Oliveira pregava, no "A Democracia", a libertação das mulheres, criticando a "educação arcaica, rotineira", o fanatismo e a ignorância a que estavam submetidas.

Vítima das inventivas dos filósofos gregos e dos próprios doutores da igreja católica, não escapou ao desprezo dos sábios modernos, que para provarem sua inferioridade intelectual, pesaram-lhe o cérebro, examinaram-lhe a massa encefálica e mediram-lhe o crânio. Depois, orgulhosamente disseram constata- que sendo seu crânio menor, seu cérebro menos pesado e menos rico em circulações que o do hom-

² Muitos operários optavam por usar pseudônimos, pois poderiam ser represaliados, ou até mesmo serem despedidos das fábricas ou oficinas devido a sua participação em movimentos reivindicatórios.

estava provada matematicamente sua inferioridade (*A Democracia*, 26 de maio de 1907, p.2).

“A Luta” transcreve o texto de Soledad Gustavo onde se lê uma crítica às condições de opressão das mulheres:

O que a mulher não há de permitir, porém, é que o capitalista lhe empregue as forças em tão elevado grau como as do homem e lhe dê menos salário, e que não há de permitir a mulher é que o homem se mantenha na folga e nos vícios que trás consigo, confiando na exploração dela, o que ela não há de permitir é que pelos livros e jornais, passe o seu nome como o mais digno, exaltando-as os poetas, levando-lhe em monumentos os escultores e embelezando-a os pintores, ajudar a glória dos homens que lhe entoam ‘glória in excelsis dei’ e sem embargo lhe negam todo o sentimento, toda a instrução; a separem de toda a cooperação tendente a arranjar assuntos só dela dependentes; a explorem, a prostituam, a arrastem pelo lodaçal do mundo e a submirjam num caos de desesperação (*A Luta*, 2 de janeiro de 1907, p.2).

Através de nossa pesquisa, pudemos concluir que as mulheres se fizeram presentes nas fábricas porto-alegrenses durante as duas primeiras décadas do século XX e que sua mão-de-obra foi fundamental para o desenvolvimento da indústria têxtil, neste período. Podemos afirmar, também, que o trabalho feminino foi discriminado com salários mais baixos, havendo registros, nos jornais operários, de mulheres que sofreram assédio sexual por parte das hierarquias das fábricas. “A Luta” e “A Democracia” denunciavam também as precárias condições de trabalho impostas às mulheres operárias que, com frequência, doavam pequenas quantias em dinheiro para que esses jornais pudessem ser editados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAVANIS, Evangelia. *Uma Utopia Anarquista: O Projeto Social dos Anarquistas do*
- Periódico A Luta e o seu Desejo de Mudar o Rumo da História em Porto Alegre (1906-1907)*. Reprodução xerográfica. PPG-História/UFRGS, 1996.
- BATALHA, Cláudio H. M. *A Historiografia da Classe Operária no Brasil: Trajetória e Tendências*. IN: FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.
- CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO ESTADUAL DE PORTO ALEGRE. Porto Alegre: Gundlach, 1901.
- CATTANI, Antônio David. *A Ação Coletiva dos Trabalhadores*. Porto Alegre: SMCultura/Palmarina, 1991.
- Guia Preliminar de Fontes para o Estudo do Processo de Industrialização no Rio Grande do Sul (1889-1945). Porto Alegre: Ufrgs/Fee, 1986.
- HERRLEIN JR, Ronaldo; DIAS, Adriana. *Trabalho e Indústria na Primeira República*. IN: TARGA, Luiz Roberto P. (org.). *Gaúchos e Paulistas. Dez Escritos de História Regional Comparada*. Porto Alegre: FEE, 1996.
- JARDIM, Jorge L. P. *Comunicação e Militância: A Imprensa Operária no Rio Grande do Sul (1892-1923)*. Dissertação. Curso de Pós-Graduação, PUC/RS, 1990.
- LOURENÇO JR., Ademar. *História Regional e Operariado. O Caso da Produção Recente Sobre a 1ª República*. Porto Alegre: Veritas, 1994.
- MARÇAL, João Batista. *Primeiras Lutas Operárias no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1985.
- PENA, Maria Valéria J. *Mulheres e Trabalhadoras. Presença Feminina na Constituição do Sistema Fabril*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- PESAVENTO, Sandra J. *A Burguesia Gaúcha. Dominação da Capital e Disciplina do Trabalho RS: 1889-1930*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- PETERSEN, Sílvia R. F. *As greves no Rio Grande do Sul (1890-1919)*. IN: DACANAL, J.H.; GONZAGA, Sergius (Org.). *RS: Economia e Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.
- _____. *Cruzando Fronteiras. As Pesquisas Regionais e a História Operária Brasileira*. IN: ARAÚJO, Ângela M. C. (org.). *Trabalho, Cul-*

tura e Cidadania. São Paulo: Scritta, 1997.

Fontes Censitárias

Anuário Estatístico do Brasil (1908-1912). Diretoria Geral de Estatística, Rio de Janeiro, 1927.

Recenseamento do Brasil realizado em 1º de

setembro de 1920. Diretoria Geral de Estatística, Rio de Janeiro, 1927.

Jornais Operários

"A Democracia", de 1905 à 1907.

"A Luta", de 1906 à 1918.